

BANDA DIDÁ EM BAHIA-BRASIL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS EM COLETIVO DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS

MARCIANO SANCA¹;
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – sancamarciano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da minha dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa busca analisar a Banda *Didá*, um bloco afro que permite familiares, amigas, mulheres da comunidade dos centros históricos, negras, pobres, periféricas integrarem e ocuparem espaços sociais e públicos. O termo *Didá* vem da língua iorubá, que significa “o poder da criação”. O coletivo baiano foi fundado em 1993 pelo músico Neguinho do Samba. A Banda *Didá* é um coletivo cultural e educacional que possibilita cada um dos seus membros se sentirem livres: lá podem cantar, brincar livremente, ensinar/aprender, inclusive à sua sensualidade, tanto nas versões que cantam, assim como, na performance enquanto dança. Parte-se da compreensão que a sociedade foi e está gradualmente estruturada e classificada pelo sistema racial, gênero, sexo e classes sociais, o que significa eleger arbitrariamente uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual, as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Neste íterim, o coletivo no qual a pesquisa está vinculada, emerge dessas classificações.

Segundo MAHMOOD (2006), a organização de tipo *Dída* permite que sujeitos “subalternizados” exerçam as suas influências políticas, ocupando os lugares de fala e empoderamento, a construção de saberes em diversos contextos sociais. Para COLLINS (2017), o mulherismo africano tem como perspectiva, pensar a sua própria agência, sua própria localização, seu próprio epicentro, restabelecer toda uma emancipação da população negra a partir da perspectiva racial, visto que a violência sobre os corpos das mulheres e homens negros é uma realidade existente, costurada a partir de colonialismo, do racismo e da xenofobia.

Cabe destacar que, as mulheres africanas eram as que organizam toda a estrutura social negra, estavam à frente de seu povo, como centros vitais, ocupavam e participavam como personagens ativas na construção histórica, das identidades culturais, identificando nelas o lugar de poder, de sabedoria, de ensinamento e de luta. Dessa forma, ASANTE (2009) define afrocentricidade como tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe pessoas africanas como sujeitos e agentes de fenômenos diversos e protagonistas das suas histórias, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses. Sendo assim, uma pressão afro centrada diz respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais sem nenhum desmerecimento às outras.

O presente trabalho busca compreender a configuração de discursos nesses espaços como “lugar de fala”, do empoderamento e da “emancipação”; analisar impacto de movimento na construção da identidade cultural das mulheres negras (afro-brasileiras) a partir da lógica da Banda *Dída*; perceber interações étnicas/raciais, classe, gênero e sexualidade como elementos identitários em que a sociedade foi historicamente estruturada; verificar as relações hierárquicas que ocorrem na Banda

Dída. Estas e outras inquietações, principalmente, reflexões sobre lugares de fala e conscientização de grupo minoritários são objetivos do presente trabalho.

2. METODOLOGIA

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de levantamento histórico bibliográfico sobre a Banda *Didá*, por meio de pesquisa de campo, através da observação participante, da abordagem etnográfica e realização das entrevistas. Sobre as referências históricas bibliográficas, está sendo realizada uma investigação dos acontecimentos históricos mais significativos da Banda *Didá* desde a sua criação. A pesquisa de campo contará com observação participante, participar da vida cotidiana e mergulhar no contexto da comunidade a ser pesquisada (Banda *Dída*). O relato etnográfico é outro momento da pesquisa de campo que envolve a escrita etnográfica.

Em concordância com URIARTE (2012), a abordagem etnográfica possui três fases: a primeira delas é mergulhar nas teorias, informações e interpretações sobre temática e a população/comunidade em estudo, é o que estamos fazendo no momento. A segunda fase consiste em longo tempo, vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais), no nosso caso, se trata da Banda *Dída*, esta fase se conhece como “trabalho de campo”, a ser começado em dezembro deste ano. A Terceira e última fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa. Considerando a localização geográfica de coletivo a ser estudados (Banda *Didá*), a pesquisa de campo será realizada em Salvador-BA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As formas das organizações socioculturais de tipo *Dída* proporciona para jovens, mulheres, negros, pobres, periféricos, etc., espaço de autonomia, dando contribuições ao meio social. Assim, BORGES (2006) no que lhe concerne, considera que participar nas estruturas, constitui oportunidade de acesso (de mulheres, pobres, periféricos, jovens, negros) o poder social, econômico, religioso, cultural, político que lhes permite demonstrar/exibir seus intelectos, identidades, ultrapassando as limitações hierárquicas sustentadas na senioridade, gênero e classe.

Numa entrevista dada ao canal TVE Bahia em 2019, Viviane Carolina de Jesus diretora da banda *Didá*, afirma que o bloco é formado majoritariamente por mulheres negras, pobres que comungam das mesmas ideologias, ou seja, as suas trajetórias de vida se assemelham no que diz respeito à discriminação, ao racismo, à xenofobia, ao machismo, etc. O coletivo permite que suas integrantes expressem, por tambor, suas angústias, sentimentos de alegria, assim como, de tristeza, passando lições, relacionadas à ideologia, liberdade, tornando as participantes, sujeito ativos, protagonista das suas histórias.

A profa. KATIUSCIA RIBEIRO numa entrevista ao programa podcast (outro mundo coluna) em (2021), considera que a organização social das mulheres africanas antes da colonização europeia é a inspiração do surgimento de mulherismo africano (Banda *Dída*), sistema organizacional que convida as pessoas negras a reconhecerem o seu processo histórico e a sua história violentada pelo processo colonial e racista, revisarem o reconhecimento da potência das populações negras, entenderem que os homens negros também fazem parte desse processo de violência construída

pelo colonialismo e racismo, fazem parte do debate, e visa reconstruir identidade negra subtraída pelo processo colonial e capitalista.

O coletivo proporciona espaço para (re)construção de novas identidades socioculturais comuns, por meio do associativismo voluntário e aparente em rituais como o de uso de *fardas* (uniforme da associação), denotando a intenção de ser reconhecido e identificado como pertencente a Banda *Dída*. Ainda, o bloco pode ser percebido como sendo espaço de reciprocidade, troca, oferta e solidariedade social, fornecendo apoio monetário, social e psicológico. Evitando a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história da humanidade.

4. CONCLUSÕES

Espaços como este evento permitem trocas das experiências, construção e produção de saberes/conhecimentos que contribuem para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nos permite compartilhar dados, desejos e expectativas que vão permitir criação de novas identidades, sujeitos, assim, e fortalecem a resistência e a emancipação de grupos.

Considero que o estudo permite compreender e trazer para universo acadêmico as experiências, outros modos de vida, que outrora foram invisibilizados, favorece a emergência de novos sujeitos sociais e novas perspectivas culturais, muitas vezes já existentes, mas retidas nas frestas do edifício cultural hegemônico, mantidas submersas pelos constrangimentos materiais, pela violência e por modos estereotipados de representações e reprodução da realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASANTE, Molefi. **The Afrocentric idea**. Philadelphia: Temple university Press, 1987.
- BORGES, Manuela; FREITAS, Joseania Miranda; FERREIRA, Luzia Gomes: **Relações de Alteridades e Identidades: mandjuandades na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia**. Impulso, Piracicaba, 17(43): 91-103, 2006.
- COLLINS, Patrícia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro além disso**. Cadernos pagu (51), 2017: e 175118. ISSN: 1809-4449. Tradução: Angela Figueiredo e Jpsse Ferrell. Publicado originalmente em 1996 no Black Scholar Journal.
- RIBEIRO, Katiuscia. **mulherismo africana: Proposta emancipadora**. 2021. acessado em 2022 no: <https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/>.
- Urpi Montoya Uriarte, « **O que é fazer etnografia para os antropólogos** », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012.
- TVE Bahia Banda DIDÁ. Acessado: <https://www.youtube.com/watch?v=IRc1stJK-40>.
- MAHMOOD, Saba. “**Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito**”. *Etnográfica*, X (1): 121-158, 2006.